Revista Internacional de Educação Superior
International Journal of Higher Education

Entrevista[1] com Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho falando sobre sua trajetória para a Revista Internacional de Educação Superior

Interview with Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho discussing his career for the International Journal of Higher Education

Entrevista con el Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho hablando sobre su trayectoria para la Revista Internacional de Educación Superior

José Camilo dos Santos Filho (Entrevistado) https://orcid.org/0000-0002-4183-0460
Maria de Lourdes Almeida (Entrevistadora) https://orcid.org/0000-0001-8515-2908
Gildenir Carolino Santos (Entrevistador) https://orcid.org/0000-0002-4375-6815
Rodrigo Pivetta Werlang (Entrevistador) https://orcid.org/0000-0003-1580-9569



José Camilo dos Santos Filho
E-mail: jcamilosantos@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas
CV Lattes
http://lattes.cnpq.br/0044767483762064

Maria de Lourdes Pinto de Almeida
E-mail: malu04@gmail.com
Universidade Federal de Santa Maria
CV Lattes
http://lattes.cnpq.br/6423120995725999

Gildenir Carolino Santos
E-mail: gilldenir@unicamp.br
Universidade Estadual de Campinas
CV Lattes
http://lattes.cnpq.br/1221773207784315

Rodrigo Pivetta Werlang
E-mail: rodrigopivetta@gmail.com
Universidade do Oeste de Santa Catarina
CV Lattes
http://lattes.cnpq.br/7093828951419776

Submetido: 01 jul. 2025
Aceito: 15 jul. 2025
Publicado: 04 ago. 2025

doi 10.20396/riesup.v12i00.8680593
e-location: e026049
ISSN 2446-9424

Checagem Antiplagiarismo
turnitin

Distribuído sobre
CC BY

[1] Entrevista com Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho, editor fundador da Revista Internacional de Educação Superior – RIESup – em julho de 2015.

Introdução

Agradecemos a disponibilidade do **Professor José Camilo dos Santos Filho** por nos conceder um tempo para a realização desta entrevista.

Neste bate-papo, abordaremos sua trajetória na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e em outras Universidades que atuou, bem como suas contribuições no campo da pesquisa em Educação Superior. Como editor-chefe da *Revista Internacional de Educação Superior* — carinhosamente conhecida como RIESup — o Professor Camilo é mais do que um colega: é um parceiro de projetos, sonhos e um orientador excepcional nas questões ligadas à educação, especialmente à Educação Superior.

Falar sobre o Professor Camilo poderia esgotar todas as fontes de pesquisa, mas nosso objetivo aqui é registrar, em formato de conversa, um pouco de suas origens e de sua valiosa contribuição. Esta entrevista é uma forma de reconhecimento pelo seu papel fundamental na criação da revista e pelo impacto de seu trabalho na Educação Superior no Brasil.

Iniciando a trajetória da Pesquisa em Educação Superior

Minha trajetória na UNICAMP se explica, em parte, pela minha vivência anterior ao meu trabalho na Unicamp. Na *University of Southern California* (USC), num programa articulado e integrado visando o doutorado, terminei o mestrado em educação (*major* em currículo escolar) em 1972, o mestrado em administração pública em 1973 e o Ph.D. em educação em1974. Meu Ph.D. exigia que eu fizesse um *minor* fora da área da educação. Estendi esse *minor* e o transformei num mestrado em Administração Pública. Fiz o doutorado no Departamento de Educação Superior da *School of Education* com o *major* em currículo da educação superior. [Minha tese de doutorado foi sobre estruturas emergentes de educação superior e o conceito de *Community college*] O papel democrático dos *Community Colleges* no Estado da Califórnia me fascinou. Na época via a Califórnia fazer a conciliação da aristocracia da inteligência mediante o sistema Universidade da Califórnia (nove universidades de elite) com a democratização da educação superior, mediante os *State Colleges* e *comunity colleges* (cerca de *20 State colleges* e 100 *community colleges*). Dados segundo estatísticas da época (1974).

Após o término do doutorado no final de 1974, fui recontratado pela PUC do Rio de Janeiro que já tinha um programa de mestrado em educação há mais de dez anos e um programa de doutorado em educação em 1976 do qual participei para sua criação, sendo este o primeiro doutorado em educação criado em universidade brasileira. Tinha o compromisso de trabalhar na PUC por pelos menos dois anos. Fiquei dois anos e meio. Na PUC/RJ, realizei pesquisa, em colaboração com a prof. Stela Cecília Segenreich, sobre cursos de graduação

reduzida (licenciatura curta) e elaboramos projeto de pesquisa que não foi realizado porque me transferi para a Unicamp no segundo semestre de 1977.

No início do segundo semestre de 1977, recebi um convite da Unicamp para trabalhar na Faculdade de Educação da universidade. Cheguei à Unicamp sem um contrato assinado e passei os três primeiros meses sem receber pagamento algum da universidade, já que meu contrato só foi assinado no quarto mês. Sei que colegas da PUC/RJ desistiram da Unicamp porque não viriam com contrato assinado. Meus colegas da PUC do Rio de Janeiro me chamaram de "maluco". Via na jovem UNICAMP uma réplica da Universidade de Stanford ou da Universidade de Chicago da década final do século XIX, período em que foram fundadas. Ao refletir sobre a decisão passada de ter optado pela Unicamp, sinto que fiz a escolha certa. Atualmente, a UNICAMP está classificada entre as duas ou três melhores instituições de ensino superior do Brasil e entre as trezentas melhores do mundo.

Minha trajetória acadêmica na Faculdade de Educação da Unicamp começou no segundo semestre de 1977 com a docência no curso de Pedagogia e no mestrado em educação que tinha sido aberto apenas dois anos antes e ainda não tinha uma dissertação defendida. Para ser contratado pela Unicamp tive que apresentar um projeto de pesquisa. Este Projeto versou sobre licenciatura curta em faculdades do 30º distrito geo-educacional do Estado de São Paulo. No começo de 1978, junto com o Diretor da Faculdade e com colega de Departamento, tivemos a incumbência de preparar um texto sobre "a administração universitária como ato pedagógico" para suporte da discussão do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), na reunião realizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, de 25 a 27 de janeiro de 1978. Nesse texto, publicado na Revista *Educação Brasileira* (vol. 1, nº 2, de 1978), recomendamos a criação de unidades interdisciplinares de ensino e pesquisa. Também a partir desse ano, comecei a fazer parte da comissão de pós-graduação e em março de 1978, junto com o coordenador do programa, Prof. Dr. Newton Aquiles von Zuben, participei do encontro promovido pela Capes para a criação e organização da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), realizado na Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro. Neste evento, tornei-me sócio fundador da ANPED junto com os colegas que participaram do encontro. Em 1979, a partir de pesquisa realizada em colaboração com a Profa. Stela Segenreich, docente da PUC/RJ, apresentei um trabalho sobre graduação reduzida em congresso sobre pesquisa institucional em Houston, Texas.

Em 1978 fiz parte do grupo, coordenado pelo Prof. Dr. Moacir Gadotti, que criou a Revista *Educação e Sociedade*, concebida inicialmente como uma publicação da Faculdade de Educação. Participei também do grupo fundador do CEDES que assumiu a administração da revista e integrei o primeiro conselho editorial de *Educação e Sociedade*. Nessa revista publiquei artigos sobre a formação de professores a partir de meu relatório de pesquisa sobre licenciatura de curta duração.

Como a Faculdade de Educação ficou sem sua revista, em 1984 e 1985 participei da segunda comissão responsável pela criação de seu novo periódico. No entanto, o projeto não

prosperou devido à falta de interesse da Editora da Unicamp e a desavenças internas na Faculdade. Por isso, foi criada uma terceira comissão em 1988, da qual fiz parte, para desenvolver o projeto da revista da faculdade. A revista foi finalmente lançada em 1990 com o nome de *Pro-Posições*, sendo publicada pela Cortez Editora. Vale registrar que esse nome da revista foi indicação do Prof. Dr. Ezequiel Teodoro da Silva e escolhido pelos membros da sua primeira comissão editorial. Fui designado pelos integrantes dessa comissão para atuar como seu editor, e meu nome recebeu a aprovação do diretor da faculdade na época, o Prof. Dr. José Dias Sobrinho. Fui editor da revista por oito anos, período que considero heroico para manter uma publicação em funcionamento com precariedade administrativa, pouca estrutura de suporte editorial, especialmente após a quebra de contrato com a Editora Cortez, e ausência de apoio financeiro de agências de fomento à pesquisa, como o CNPq e a FAPESP. Mesmo nesse contexto precário e adverso, em 1991 consegui indexar a revista em quatro indexadores, um nacional, dois estrangeiros e um da UNESCO, quando então poucas revistas brasileiras estavam indexadas. Com a revista *Pro-Posições*, a Biblioteca da Faculdade começou a fazer permutas com centenas de periódicos estrangeiros. Além dessas ações editoriais, estive envolvido na criação e apoio de outras revistas acadêmicas em diferentes universidades ou instituições de ensino superior do país. Todo esse empenho e participação na edição de periódicos decorria da compreensão de que a divulgação de pesquisas e estudos é um elo fundamental no processo de pesquisa nacional, sem o qual seus benefícios ficam limitados ou até mesmo nulos.

Em 1989, por solicitação da Reitoria da UNICAMP, escrevi um “estudo comparativo entre o regime seriado e o regime de matrícula por disciplina com sistema de créditos” para ser discutido por todas as unidades acadêmicas da UNICAMP e subsidiar a decisão de continuar a manter ou não o sistema de matrícula por disciplina na universidade. Nesse momento crítico e histórico, a UNICAMP decidiu pela manutenção do sistema semestral, de crédito e de matrícula em disciplina. Quatro anos depois, fui solicitado pela Reitoria da Universidade Federal do Pará a realizar uma palestra para seus docentes sobre o “regime seriado – vantagens, desvantagens e obstáculos à sua implantação”. Soube posteriormente que a Universidade decidiu pelo retorno ao regime seriado, seguindo o exemplo da Universidade Federal de Santa Catarina. Esses dois textos foram publicados pela Revista *Educação Brasileira* (vol. 11, nº 23, 1989; e vol.16, nº32, 1994).

Outra atividade vinculada à pesquisa e que considero relevante em minha trajetória na UNICAMP foi a função de representante docente na Biblioteca da Faculdade de Educação por doze anos. Nesse período fiz todo o esforço para ampliar ano a ano o acervo de livros e periódicos da Biblioteca da Faculdade no que fui relativamente bem-sucedido. Quando deixei o encargo, a biblioteca mantinha a assinatura de cerca de seiscentos títulos estrangeiros, além das melhores revistas educacionais do país e um número significativo de periódicos recebidos por permuta. Ao longo da minha formação como educador e pesquisador, aprendi que as bibliotecas universitárias e pessoais desempenham um papel fundamental no apoio à docência e à pesquisa atualizada. Por essa razão, em todas as universidades em que trabalhei, atuei

como colaborador ativo das bibliotecas e frequentei diversas bibliotecas ao longo da minha formação e carreira como docente-pesquisador.

A experiência de pós-doutorado na *Graduate School of Education* da *University of California at Los Angeles* (UCLA) em 1982-1983 foi um marco significativo na minha formação como pesquisador, período em que estive envolvido nas atividades de dois grupos de pesquisa focados em educação superior. O primeiro, sob a coordenação do Prof. Dr. Burton Clark, incluía docentes-pesquisadores e pós-doutorandos dos Estados Unidos e de diversos outros países. Das rodadas de seminários que discutiam os textos dos participantes, resultava a publicação de uma obra coletiva sobre o tema escolhido. Essa vivência em equipe com pesquisadores foi bastante proveitosa. O segundo grupo, liderado pelo renomado pesquisador Alexander Astin, fundador e diretor do *Higher Education Research Institute* (HERI), era composto por professores e pós-graduandos e se dedicava ao estudo de questões da educação superior nos Estados Unidos. O primeiro grupo priorizava principalmente pesquisas qualitativas e comparativas, enquanto o segundo focava em estudos quantitativos de grande escala. Essas foram duas experiências complementares em termos de metodologia de pesquisa e trabalho colaborativo.

De retorno do pós-doutorado para a UNICAMP, trouxe a vivência de grupos de pesquisa na área da educação superior. Na Faculdade de Educação, coordenei o grupo de pesquisa sobre "novas propostas alternativas de administração da educação" com 10 subprojetos, no período de 1986 a 1989. Desses subprojetos, oito resultaram em dissertações de mestrado em educação e vários dos que concluíram o mestrado ingressaram no doutorado. Sobre esta produção, a Profa. Bernardete Gatti que, por delegação da Capes, avaliou o resultado do projeto, afirmou: "Não vi experiência igual". No período de 1994 a 1996, coordenei o projeto de pesquisa "gestão democrática da escola pública; obstáculos, possibilidades e implicações", do qual participaram colegas de departamento e doutorandos que integraram o projeto anterior como mestrandos.

Pioneirismo nos estudos e pesquisas sobre Educação Superior: desafios, obstáculos e visão do futuro

No Campo da pesquisa, publiquei dois trabalhos sobre núcleos ou grupos de pesquisas na Faculdade de Educação em 1982 e em 1987. Em 1982 via a existência de grupos de pesquisa como exceção à regra, quando até as agências de fomento à pesquisa privilegiavam os pesquisadores individuais. Em 1987, em artigo em conjunto com o Prof. Dr. Newton Cesar Balzan e o Prof. Dr. Silvio Sanchez Gamboa, vislumbrávamos a tendência crescente para a formação de grupos de pesquisa. Publiquei vários outros trabalhos sobre pesquisa educacional, gestão educacional e educação superior, alguns individualmente, outros em equipe. No campo da formação de pesquisadores, fui orientador de mais de uma centena de mestres e doutores e participei de centenas de bancas de mestrado e de doutorado na UNICAMP e em várias universidades brasileiras.

A criação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (GEPES) foi motivada pela minha formação doutoral com foco na educação superior, meus interesses e práticas de pesquisa nesse campo, a proposta de criação de uma área de concentração em administração universitária que desenvolvi e implementei com a colaboração de parceiros externos em meu departamento em 1979, a qual foi desativada três anos depois devido a intrigas internas. Também foram fatores relevantes a experiência com grupos de pesquisa internacionais e a presença de orientandos brasileiros e estrangeiros interessados na área. Como complemento à criação do GEPES para viabilizar os programas de mestrado e doutorado em educação com "área de concentração ou *major* em educação superior", propus mais três iniciativas que considerava essenciais para fortalecer essa área de pesquisa na Faculdade de Educação da UNICAMP: a instituição de um centro de documentação dedicado à educação superior brasileira, a formação de uma Associação Brasileira de Educação Superior (ABES) e a publicação de uma revista de educação superior (RES). Das três, somente a última consegui realizar, já na condição de aposentado, e numa perspectiva mais abrangente, com a contribuição dos integrantes do GEPES, especialmente da Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida, braço direito e esquerdo da administração da revista.

Em 1987, desenvolvi um projeto para criar um grupo de pesquisa em educação superior (o nome estava para ser definido entre núcleo, centro ou grupo; por isso, as siglas NEPES (de núcleo), CEPES (de centro) e GEPES (de grupo). Daí, o aparecimento dessas siglas em documentos preliminares anteriores. Preferia ter adotado o nome de núcleo, à semelhança dos núcleos interdisciplinares à época já criados na UNICAMP e com a característica de um programa interdisciplinar extra ou para-departamental. O GEPES, ainda com o nome de NEPES, começou a operar regularmente de maneira informal já em 1987, realizando seminários quinzenais com orientandos, mestrandos e doutorandos. Nesse período, vários orientandos meus de mestrado e doutorado brasileiros e hispano-americanos concluíram pesquisa sobre universidade e administração universitária. Após receber aprovação formal da Congregação da Faculdade em 1992, o GEPES, sob minha coordenação, organizou seminários, congressos, conferências, cursos, palestras, mesas-redondas e publicações. Destacaram-se especialmente as ações de divulgação do I Seminário de Avaliação Institucional, realizado em 1994, e a publicação dos Anais do evento em 1995. Também foi relevante o Seminário dos 30 anos da UNICAMP em 1996 e, resultante do evento, a publicação do livro "Escola e universidade na pós-modernidade" pela editora Mercado de Letras em 2000.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior, GEPES: o processo de evolução

Depois que me aposentei da UNICAMP em 1999, a Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira, minha ex-orientanda do doutorado, já contratada pela Faculdade de Educação, assumiu a coordenação do GEPES num momento quando já estava bastante consolidada a estruturação dos grupos de pesquisa na Faculdade.

Depois da virada para o século XXI, a Faculdade reorganizou-se academicamente e a pós-graduação foi reestruturada com base nos grupos de pesquisa, definindo critérios de seleção para o mestrado e o doutorado de acordo com as linhas de pesquisa desses grupos. Cada linha de pesquisa passou a ter uma cota de mestrandos e doutorandos, o que resultou no crescimento do número de pós-graduandos associados ao GEPES e no aumento da produção de dissertações e teses no campo da educação superior. Nesse período, embora já estivesse aposentado e afastado da UNICAMP até 2010, tive conhecimento da produção do GEPES sob a coordenação da Profa. Elisabete.

No retorno às suas respectivas universidades, alguns desses ex-alunos de pós-graduação, em sintonia com a Profa. Elisabete, em suas universidades fundaram GEPES associados ao GEPES da Faculdade de Educação, que passou a se reconfigurar como GEPES NACIONAL, responsável pela coordenação dos GEPES locais. Nessa fase, surgiram: o GEPES-UNIVALI, GEPPES–UNOESC, GEPES-UNIOESTE, GEPES-UNIFAL Sob a coordenação do GEPES NACIONAL, esses grupos realizaram pesquisas sobre a educação superior brasileira e sobre a influência do processo de Bolonha nas universidades da América Latina, de modo especial nas universidades brasileiras.

Contribuição internacional: a construção do GIEPES

Como já relatei em resposta a questões anteriores, primeiro, o GEPES se consolidou na UNICAMP e participou da produção de pesquisa na área e colaborou na formação de mestres e doutores na área da educação superior. Depois, cresceu no espaço nacional, especialmente em algumas universidades das Regiões Sudeste e Sul do país que criaram Gepes em seus programas de pós-graduação em educação, a partir de ex-pós-graduados que fizeram doutorado na Faculdade de Educação da UNICAMP e que se integraram ao GEPES durante seus estudos na UNICAMP. Recentemente, os contatos internacionais, a valorização da internacionalização da universidade, a colaboração entre universidades brasileiras e latino-americanas, bem como entre universidades da América Latina, Portugal e Espanha, a colaboração internacional na publicação de capítulos de livros e artigos em revistas nacionais, e a participação em eventos internacionais e na rede nacional dos gepinhos, com o estímulo e apoio da Capes, CNPq e Fapesp, resultaram na transformação do GEPES NACIONAL no GIEPES em outubro de 2015. Essa mudança manteve a vinculação dos grupos já existentes ao GIEPES da Faculdade de Educação da UNICAMP e articulou ao GIEPES outros grupos de pesquisa em educação superior formados em universidades brasileiras e da América Latina, Portugal e Espanha. Nessa nova etapa, até o momento, estão associados ao GIEPES, além dos GEPES já existentes, os seguintes grupos novos: no Brasil, GEPES-ELOS/UFSM, GEPES-FURB, GEPES-SC/UFSC, GEPPES-SUL/UNOESC, GEPES-UNICAMP, GEPES-UPF, GEPES-USP, NEPPES-URI; no exterior: IUSUR-Uruguai, PUC-Valparaíso/Chile, UNITREF/Argentina, UPNB-Bogotá/Colômbia, Univ. de Aveiro/Portugal, Univ. do Minho/Portugal, Univ. Lusófona de Lisboa/Portugal e Universidade de Granada, na Espanha.

O GIEPES coordenou a primeira pesquisa, como grupo internacional, sobre o conceito e as modalidades de internacionalização de universidades brasileiras, hispano-americanas, portuguesas e espanholas, tendo a participação de várias universidades brasileiras e de instituições de ensino superior ou universidades do Uruguai, da Argentina, do Chile, da Colômbia, da Venezuela, do México, de Portugal e da Espanha e recebeu *pasantias* de membros dos Gepes do México e do Uruguai. Na realização desta pesquisa, o GIEPES programou e realizou reuniões online com os participantes da pesquisa e coletou dados preliminares e complementares sobre as instituições que aderiram ao projeto. Com a participação das instituições envolvidas, realizou as primeiras análises dos dados e planejou uma etapa de aprofundamento da pesquisa sobre essa mesma temática e, no presente, está levantando dados junto às instituições envolvidas na pesquisa sobre outros aspectos da internacionalização da universidade.

A criação da Revista Internacional de Educação Superior (RIESup)

A Revista Internacional de Educação Superior (RIESup) foi criada em 2015, antes da criação do GIEPES. Sua primeira vinculação foi com o GEPES NACIONAL. Com a transformação do GEPES NACIONAL no GIEPES, aquele foi extinto e, por isso, a RIESup passou a se vincular ao GIEPES a partir de 2018.

Minha proposta inicial era de criação de uma revista brasileira de educação superior, mas ao longo do processo de sua definição, o projeto se transformou numa revista internacional online. Integrada ao GIEPES, a revista acolhe artigos produzidos nos GEPES locais/regionais vinculados ao GIEPES e está aberta à publicação de pesquisas de grupos de pesquisa em educação superior do país e de outros países e não necessariamente apenas do espaço ibero-americano. Também por essa razão e para ampliar seu público-leitor acadêmico, a partir de 2018 a revista começou a implementar a política de publicação bilíngue (português e inglês) num primeiro momento e posteriormente acrescentou a publicação em espanhol. Como se trata de uma revista online, seu custo de produção editorial é menor do que a edição impressa.

Um panorama sobre a situação dos periódicos no Brasil

O know-how de produção e administração dos periódicos no país aumentou rapidamente nessas duas primeiras décadas deste século, especialmente graças ao desenvolvimento das ferramentas computacionais e da tecnologia da informação que estão revolucionando os instrumentos de organização, divulgação e acesso à informação científica no mundo acadêmico. Além disso, as universidades brasileiras que estão consolidando suas estruturas de suporte ao bom funcionamento da pós-graduação e da pesquisa estão aprimorando suas infraestruturas de bibliotecas e de edição de livros e periódicos, tornando

mais profissional seu setor de edição e publicação de livros e periódicos, dimensão que confere muito prestígio às universidades e viabiliza a publicação de pesquisas de fôlego, dificilmente assumidas por editoras comerciais.

O tempo heroico e quase solitário de poucos docentes no envolvimento nesta atividade até o final do século XX já é história do passado. Agora já há a cultura de suporte institucional, tanto interno como externo à universidade, para assegurar a manutenção e continuidade da periodicidade dos periódicos e a adoção das melhores práticas para assegurar a excelência, a indexação e a recuperação de seu conteúdo. O conhecimento e a aplicação das regras burocráticas e formais de editoração dos periódicos já têm harmonizado o padrão dos periódicos no atendimento a esses critérios formais de qualidade editorial, mas vejo certo exagero desnecessário nas minúcias desses critérios. A qualidade acadêmica da contribuição de um trabalho científico passa pelo atendimento a critérios substantivos mais relevantes e indicativos dessa qualidade. Certo formalismo burocrático é necessário, mas não suficiente. As boas práticas já implementadas precisam ser otimizadas para elevar a qualidade das publicações periódicas a um padrão de excelência mais elevado.

Mesmo reconhecendo esse avanço, há muitos aprimoramentos a serem buscados, como: a melhoria da infraestrutura interna de suporte administrativo, o aprimoramento dos critérios de avaliação dos artigos, a facilitação e agilização de todo o processo de gestão do periódico mediante o suporte de aplicativos, a permanente atualização da capacidade gestora dos editores, a seleção criteriosa de pareceristas competentes para avaliar os artigos e contribuir para o aprimoramento dos artigos aprovados, o reconhecimento e valorização do trabalho dos avaliadores dos artigos, a adoção das melhores práticas de gestão de um periódico.

Por último, cabe reconhecer que administrar um periódico científico não se nasce sabendo. Por isso, a instituição que pretende embarcar nessa nova iniciativa acadêmica precisa valorizar, criar estrutura de apoio, alocar recurso e providenciar a capacitação do docente que manifestar interesse em investir parte de seu tempo de trabalho na criação e consolidação de um periódico científico de sua universidade. As universidades que assumirem o compromisso de publicação de periódicos precisam ter clareza que alocando recursos financeiros e humanos para administrar suas revistas, estão abrindo um canal de publicação mais para pesquisadores de outras universidades do que das suas. Em contrapartida seus docentes irão publicar mais nos periódicos das outras universidades do que nos das suas. Ter periódicos confere prestígio às universidades, mas as que ainda não têm estrutura de pós-graduação, *stricto sensu*, consolidada deveriam concentrar recursos e esforços na sua consolidação e deixar para as universidades já consolidadas criar e administrar os periódicos científicos, considerando que os periódicos devem evitar a endogenia.

Desafios para as pesquisas relacionadas e desenvolvidas na área da Educação Superior: desafios pós pandemia da covid 19

Parece-me que poucas universidades latino-americanas têm estrutura e profissionais competentes para realizar pesquisas sobre educação superior, especialmente para pesquisar a estrutura, organização e funcionamento de sua própria universidade, ou seja, realizar pesquisa institucional para subsidiar seu processo de avaliação institucional periódica e seu planejamento e administração estratégica. A universidade tem competência para produzir ciência em múltiplos ramos do conhecimento humano, mas com frequência negligencia produzir conhecimento para aprimorar sua organização e administração e reavaliar sua missão e função no contexto da realidade onde está inserida. As universidades ibéricas, por estarem situadas no contexto do processo de Bolonha, têm oportunidade de se beneficiarem da experiência dos demais países da União Europeia para atualizar suas práticas e elevá-las ao patamar das melhores práticas das excelentes universidades de alguns países da Europa. Quanto à formação de profissionais das áreas mais técnicas e de educadores, acredito que haverá uma revalorização da educação presencial como o instrumento mais excelente e eficaz para a formação de profissionais de qualidade.

Muito além do pesquisador: pontos positivos e obstáculos na Universidade

Junto com outros colegas da Faculdade de Educação, fui um dos fundadores do CEDES e da Revista *Educação e Sociedade* que é administrada pelo próprio CEDES. Explicitando um pouco mais a resposta a esta questão e em respeito à memória histórica do CEDES, acrescento que não participei diretamente da criação do Caderno CEDES que é uma segunda publicação do CEDES. Embora a Revista *Educação e Sociedade*, em seu primeiro número, tenha sido assumida pela Faculdade de Educação da UNICAMP, devido a problemas burocráticos internos, seus fundadores decidiram desvinculá-la da Faculdade e integrá-la ao CEDES.

Tendo vindo de uma excelente universidade confessional particular, na época líder na organização da pós-graduação brasileira segundo o modelo norte-americano (refiro-me à PUC/RJ), tive dois impactos positivos logo no primeiro ano de trabalho na UNICAMP. O primeiro foi certa abundância de recursos da Universidade e sua imagem muito positiva junto aos órgãos federais de fomento à pesquisa (Capes e CNPq) e à FAPESP, do Estado de São Paulo. O apoio à pesquisa e à participação em congressos nacionais e internacionais era valorizado, estimulado e, em certa medida, patrocinado. Em vista disso, participei de vários congressos científicos no país e no exterior. Como representante docente na Biblioteca da Faculdade, incrementei a aquisição de livros mediante verba da Universidade e da FAPESP e a assinatura de excelentes periódicos educacionais nacionais e estrangeiros com verba da própria universidade. Em pouco tempo nossa biblioteca de educação tornou-se uma referência

nacional e, mediante o COMUT da época, oferecia suporte bibliográfico a cursos de pós-graduação em educação do país.

O segundo impacto muito positivo, do qual também me beneficiei, foi a quantidade de "massa crítica" docente com a qual convivi por longos anos. Doutores com sólida formação acadêmica no país, em vários países da Europa, na América do Norte, ou na América Latina e em várias perspectivas filosófico-teórico-metodológicas possibilitaram um ambiente acadêmico de convivência plural e civilizada que, certamente também deve ter sido muito enriquecedor para os pós-graduandos da Faculdade. Acredito ter também colaborado para o enriquecimento e valorização desse ambiente acadêmico, pois em meus cursos, orientações e pesquisas sempre procurei mostrar a contribuição parcial e as limitações das diferentes perspectivas filosóficas, teóricas e metodológicas da pesquisa educacional.

Farei breve aceno a três obstáculos que prejudicaram um avanço mais eficiente da Faculdade de Educação em comparação com algumas outras unidades da mesma UNICAMP. Refiro-me à carência de disponibilidade de doutores em algumas disciplinas da área das ciências da educação, à precariedade e limitação do espaço da Faculdade de Educação e à lentidão do processo de informatização da Faculdade e dos docentes. A pouca disponibilidade de doutores na área de educação levou à contratação inicial de mais docentes sem pós-graduação *stricto sensu* em educação e de mais doutores em ciências humanas ou sociais do que em ciências da educação. Essa situação levou a pesquisas distantes da concretitude das escolas e das universidades e à sobrecarga de trabalho docente, de orientação dos pós-graduandos e de atividades burocráticas pelos docente-doutores. Por outro lado, os docentes contratados sem pós-graduação, mas com o compromisso de conciliar carga de trabalho na UNICAMP e realização de curso de pós-graduação, levaram um tempo consideravelmente longo para concluir o curso, retardando uma expansão mais equilibrada da pós-graduação, uma distribuição mais adequada das atribuições burocráticas e uma produtividade mais efetiva e relevante das pesquisas docentes.

A precariedade dos espaços da Faculdade foi sanada em 1986, catorze anos depois de sua criação, com a inauguração de seu novo prédio no formato-estrela, arquitetura inspirada no formato da Faculdade de Educação da Universidade de Houston/Texas (USA). Esse novo espaço possibilitou recuperar progressivamente o atraso e a lentidão no processo de informatização das atividades da Faculdade. Lembro que, nos anos oitenta vi no *Ontario Institutte for Studies in Education* (OISE), a melhor escola de pós-graduação em educação do Canadá, todos os docentes com e-mail e com um número razoável de fax, e sonhava: "Quando chegaremos a esse estágio"? Na Faculdade dispúnhamos de seis microcomputadores, com poucos docentes ousando aprender a usá-los e se iniciando no uso do e-mail e na Reitoria, funcionando um único um fax para atender a demanda de toda a Universidade.

Mensagem final

A Formação do doutorado sempre pode continuar a ser aprimorada. Ela dependeu das condições, disponibilidades e requisitos do programa de doutorado de sua instituição. Vi na estrutura curricular do Ph.D. das grandes universidades americanas uma combinação adequada de dois princípios curriculares muito apreciados e implementados concretamente em seus cursos de graduação e pós-graduação – os princípios de amplitude e profundidade (os chamados *breadth* e *depth).* No programa de Ph.D. que em geral é um pouco diferente do programa de doutorado profissional, isso significa a exigência de proficiência em mais de uma língua estrangeira e o requisito de um certo número de créditos numa Faculdade ou Instituto da Universidade diferente da Unidade do seu programa de doutorado. Como escrevi em artigo sobre interdisciplinaridade na Universidade, "a superação da especialização "bárbara" precisa ser feita através da formação interdisciplinar e da formação cultural e geral que sempre poderão ser ampliadas durante todo o processo educacional de qualquer pessoa" (Revista *Educação Brasileira*, vol. 14, n.29, p. 74, 1992).

Mesmo um bom doutorado não garante a melhor formação possível de alguém. Sempre há algo de novo a ser aprendido por diferentes caminhos. É a própria experiência ao longo do trabalho e da vida, é a aprendizagem permanente ao longo da vida, é o pós-doutorado numa universidade diferente da do seu doutorado no país ou no exterior. Se possível, escolha a experiência do pós-doutorado num ambiente acadêmico diferente e intelectualmente mais enriquecedor do que o de seu próprio doutorado. A endogenia acadêmica não é recomendável, nem no período de formação, nem na contratação de docentes. Stanford, considerada a Harvard do Oeste, contrata doutores formados na Harvard do Leste e Harvard contrata doutores formados em Stanford. E as duas, em geral, se classificam entre as cinco ou seis melhores universidades do planeta. Segundo o *QS World University Ranking* de 2025, Harvard se classificou em 4º lugar e Stanford, em 6º e, segundo o *Times Higher Education World University Ranking* de 2025, Harvard é a terceira e Stanford, a sexta melhor universidade do mundo. Como o fator docente é um critério muito relevante nesses instrumentos de avaliação, fica a relevância da adoção dessa "boa prática" de contratação de docentes para nossas universidades.

Editor desta Seção: Gildenir Carolino Santos